



Paranoá, despoluição à vista em Brasília

● **Estações de tratamento vão livrar o lago do mau cheiro e do esgoto**

Francisco Gonçalves

BRASÍLIA — Quando o arquiteto Lúcio Costa resolveu incorporar ao projeto urbanístico da capital federal uma idéia apresentada no final do século passado pelo botânico francês Auguste Glazou, não podia prever que a construção de um lago artificial traria tantos problemas para a nova cidade. Passados 31 anos do fechamento das comportas da barragem do Paranoá para formação dos seus 38 quilômetros quadrados, o lago Paranoá deixou de aparecer nos cartões postais para figurar nos relatórios como um reservatório que poderá chegar no próximo século com elevados índices de poluição. O mesmo lago que serviu para os passeios dominicais de *jet-ski* do presidente Fernando Collor é o local de despejo de 143 milhões

de litros por dia de esgoto produzido por cerca de 590 mil habitantes do Plano Piloto e de algumas cidades satélites que compõem a sua bacia.

Os sucessivos governos do Distrito Federal fizeram inúmeras tentativas para despoluir o lago. Do cultivo de água-pês até a aplicação de produtos para matar algas, tudo foi tentado. Na expectativa de reverter definitivamente as previsões pessimistas de técnicos do próprio governo, o Lago Paranoá ganhou duas novas estações de tratamento sanitário que começaram a ser construídas em 1987 e custaram mais de US\$ 90 milhões. O lago, no entanto, só estará livre do mau cheiro e das impurezas do esgoto brasileiro quando as estações, inauguradas há 10 dias em clima de festa pelo governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, e pelo presidente da Caixa Econômica Federal, Alvaro Mendonça, entrarem em funcionamento daqui a seis meses.

Até lá, a água do lago de Brasília manterá a turbidez e o acúmulo de algas azuis, de fósforo e nitrogênio que lhe dão no

meio científico a classificação de sistema *eutrofizado*. Se o sistema de tratamento terciário utilizado nas novas estações funcionar como previsto pelo governo do Distrito Federal (GDF), o Lago Paranoá deixará de receber o esgoto *in natura* ou tratado de maneira inadequada pelas antigas estações de tratamento. Elas foram construídas na década de 60 para atender apenas 250 mil habitantes, quase a metade da população que, hoje, alimenta os esgotos da bacia.

Eufórico com a inauguração das estações, o governador Joaquim Roriz garante que “brevemente” o Paranoá poderá ser utilizado até como balneário. Mais cauteloso, seu secretário de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, Washington Novaes, revela que a iniciativa é apenas a abertura do programa de despoluição do lago, que precisa ainda da detecção e controle de outras fontes de poluição além do esgoto. “As estações de tratamento são o primeiro passo para resolver a eutrofização do Paranoá”, acrescenta o professor do departa-

mento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB), Antônio José Rocha, que coordena duas teses de mestrado sobre a poluição do lago. “As estações vão diminuir o aporte de dejetos, mas é preciso também considerar outros dois fatores poluentes: os esgotos clandestinos e a água das chuvas”, completou.

Para o pesquisador, antes de assegurar que o lago estará pronto para uso de banhistas, é preciso averiguar se o produto final das estações de tratamento tem níveis adequados de despoluição. Antônio Rocha defende ainda o controle do maior responsável pelo despejo de “carga orgânica”, o Riacho Fundo, seu principal tributário. Segundo relatório da Companhia de Águas e Esgoto de Brasília (Caesb), além das estações de tratamento, o programa de recuperação do lago também deve incluir redes de coleta em toda a sua bacia. Os técnicos do governo alertam, contudo, que a expansão populacional deve ser disciplinada para que o combate à poluição seja eficaz.

Segundo a Caesb, se permanecer o padrão desordenado de ocupação, o reservatório sofrerá drásticas consequências ecológicas, como, por exemplo, floração de espécies de algas indesejáveis, mortandade de peixes e liberação de gás sulfúrico e metano. “De um ano para cá, a poluição ficou muito pior”, lamenta o professor de iatismo da classe *optimist* da AABR, Marcelo Camilher, que todo fim de semana leva seus 17 alunos para as áreas do lago ainda não afetadas pela poluição. Acostumados a nadar no Paranoá, o professor e seus alunos já não têm o mesmo ânimo para arriscar algumas braçadas desde que começaram a sofrer com as micoses na pele. No lago, das 5h30m às 7h30m durante toda a semana, o instrutor de remo do Iate Clube de Brasília, Antônio José Silva, diz que não vê a hora das águas ficarem totalmente limpas. “A nossa equipe sai para remar com o barco branco e volta cheio de sujeira e manchado até com pi-che”, comenta o remador.